

## Saidiya Hartman e a busca por suas origens africanas

**Camila Souza Lopes**

Mestranda em História – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Assis, São Paulo

 <https://orcid.org/0000-0002-6557-2881>

E-mail: [camilaloopes320@gmail.com](mailto:camilaloopes320@gmail.com)



### Resenha de:

HARTMAN, Saidiya. *Perder a mãe: uma jornada pela rota atlântica da escravidão*. Tradução de José Luiz Pereira da Costa. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021. 364 p.

**Texto recebido em: 11/02/2022**

**Texto aprovado em: 12/04/2022**

Saidiya Hartman nasceu nos Estados Unidos em 1961. Bacharel pela Universidade Wesleyan (1984) e PhD pela Universidade de Yale (1984). Atualmente é professora do Departamento de Inglês e de Literatura Comparada na Universidade de Columbia, sendo autora de *Cenas de sujeição* (“Scenes of Subjection”, de 1997) e *Vidas rebeldes, belos experimentos* (“Wayward lives: beautiful experiments”, de 2019), este último, vencedor do National Book Critics Circle Award.

Já o seu *Perder a mãe* foi impresso pela primeira vez no ano de 2007, pela editora Farrar, Straus and Giroux; tendo, recentemente, em 2021, recebido tradução para a Língua Portuguesa pela editora Bazar do Tempo. O livro, organizado em doze capítulos, contém dois posfácios escritos por Fernanda Silva e Sousa, doutoranda em Teoria Literária e Literatura Comparada pela USP, e pelo jornalista José Luiz Pereira da Costa, que, respectivamente, foram os responsáveis pela revisão e pela tradução.

A obra ambiciona mapear a rota pela qual escravizados africanos foram forçadamente trazidos para as Américas e resgatar a memória popular da escravidão, notadamente aquela vinculada ao processo de descolonização que países africanos vivenciaram. Nessa perspectiva, a palavra “reflexões” evidencia ser

o melhor qualificativo para se descrever este trabalho, pois a autora intercala observações das condições dos escravizados com suas memórias e experiências de vida, entrelaçando sua busca pelo passado pessoal e a ligação com seu presente.

No prólogo, nos deparamos com a primeira dessas percepções, ao chegar em Gana. Há uma falsa sensação de pertencimento ao chegar a um lugar da qual não faz parte. A palavra *Obruni* — termo usado pelos ganeses para “estrangeiro” e utilizada para cumprimentar um turista, sem a intenção de ofender, significa, literalmente, “homem branco” — como era chamada, e que ela não gostou no início, começou a fazer sentido após seus questionamentos. De fato, Hartman era uma estrangeira na África, além de encarnar uma verdade difícil de esconder: sobre ela havia todo um passado que carregava as marcas da escravidão. Suas reflexões rememoram relatos íntimos acerca de sua história familiar e de seus anseios particulares. Segundo ela, sua estadia não se dá pelo sangue ou a busca por um pertencimento, mas, sim, ao caminho de estrangeiros enviados em direção ao oceano. O desejo de trazer o passado para perto, despertou-lhe a necessidade de valer-se de uma viagem “quixotesca”, em busca de compreender como a provação da escravidão começou. Suas indagações refletem angústias e curiosidades: “como um menino pode passar a valer dois metros e setenta de fazenda de algodão ou uma garrafa de rum, ou uma mulher valer uma cesta de búzios”? (HARTMAN, 2021, p. 26). Ao fim de suas reflexões, conclui que ser uma estrangeira em Gana e sua sensação com o resto do mundo não se refere unicamente a familiaridade, pertencimento e exclusão, mas, também, inclui uma relação singular com o passado.

No primeiro capítulo, *Afrotopia*, Hartman começa narrando sua estadia em Gana. Nesta parte, nos deparamos com seu primeiro olhar e o seu pré-julgamento daquele país visitado. Um exemplo desse estranhamento ocorre quando confunde, ao pensar estar presenciando um golpe de Estado, uma casa pegando fogo. Seu primeiro contato com a rota atlântica da escravidão ocorre no bairro de Osu, menos de um quilometro de distância do forte de Christiansbog. A sede do governo atual estava instalada no que fora, primeiro, um enteposto dinamarquês de escravos e, posteriormente, o quartel-general da administração colonial britânica. A autora lembra que, não muito distante, este lugar dava lugar a cativos presos com coleiras e braçadeiras de ferro e eram mantidos confinados até que navios negreiros ingleses, dinamarqueses, franceses ou portugueses os transportassem para as Américas, esquecidos por armas, conhaque, búzios etc. Hartman atenta para o fato

de que esse esquecimento tem ainda que ser remediado. Neste capítulo introdutório, somos inseridos lentamente nas reflexões, experiências e relações quanto a sua chegada e estadia em Acra.

No capítulo dois, *Mercados e mártires*, desembarcamos em Elmina. A autora explora a importância desta cidade durante o período escravista. Desde a Idade Média, a região ficou conhecida pelo seu próspero comércio e após a chegada dos portugueses foi, pioneiramente, conhecida como “minas de ouro”, e, no avançar do tempo, transformando-se na “costa dos escravos”, devido ao intenso fluxo do comércio escravista que por ali transitava. Em *Mercados*, Hartman se concentra em discutir o comércio escravista praticado em Elmina. Em *Mártires*, a autora busca as significações e simbologias dos nomes atribuídos as construções ali existentes. Um dos símbolos homenageados e com grandes significações foi São Jorge. Em homenagem ao santo patrono de Portugal e seu recém-descoberto El Dorado, os portugueses deram ao forte de Elmina o nome de O Castellano de São Jorge, anunciando, assim, a sagrada mensagem principiada na costa da Guiné.

No capítulo terceiro, embora o título seja *O romance familiar*, Hartman não está investigando as relações entre romance ou família, mas, através de suas próprias raízes, debruça-se no questionamento das linhagens de sangue formadas a partir da violência, procurando estabelecer os ensejes da construção das relações entre os escravizados com os traficantes e médicos. Além da busca pela compreensão sobre o tráfico negreiro ali ocorrido, descobre particularidades ligadas à sua história pessoal e familiar.

Em *Venha, retorne, criança*, quarto capítulo, a autora reflete acerca do retorno à “terra mãe”. “Retornar” era a palavra que Hartman afirma reverberar pelo castelo de Elmina. Frases ditas por guias de turista, professores e estadunidenses saudosos que deixavam escapar: “retorno à terra mãe”, “bem-vindo de volta” e “é bom estar em casa”, causam certo incômodo em Hartman, levando-a a refletir, novamente, sobre o seu passado. Dispõe de um breve panorama acerca dos amins (ou elminas), chamados assim pelo fato de terem desembarcado em Elmina ou em áreas adjacentes. Hartman afirma que estes consistiram na maioria das tropas rebeldes, onde as linhagens de realeza e escravos se cruzaram. Esta condição implicou em conflitos em relação à escravidão. Os nobres não se adaptaram facilmente a ela. Confrontos entre senhores e escravos eram rotineiros. Um jovem explicando o motivo de desobediência, afirmava que embora estivesse em posse de seu senhor, ele era um príncipe, e nada irá convencer de servi-lo, preferindo morrer e

terminar seus dias como um homem livre. O que eles teriam em comum com Hartman? É uma das principais indagações deste capítulo.

No breve capítulo cinco, Saidiya Hartman questiona sobre as casas que pouco tem a ver com riquezas. *A tribo da passagem do meio*, título do capítulo, leva-nos a uma tribo criada pela ganância das elites africanas, pela expansão territorial de estados poderosos, pela crueldade e pela arrogância de homens brancos donos do mundo. Era a tribo dos que foram tomados de sua terra natal, despojados de suas marcas tribais e separados de seus parentes. A autora afirma que a passagem do meio foi o canal de nascimento da tribo, uma vez que era o canal da morte, do qual o africano morria para quem ele havia sido e quem ele poderia ter se tornado.

Adentrando em *Tantos calabouços*, com a intenção de realizar todas as escrituras presentes em uma placa de mármore na entrada: celebrar os mortos, relembrar a angústia dos ancestrais e impedir que tais crimes contra a humanidade voltem a ocorrer. Entretanto, assim que Hartman adentra os subsolos, desfaz estas grandes aspirações. Ali, trata-se de um depósito para carga humana e apenas saber das atrocidades acontecidas no lugar não remediaria o esquecimento ou diminuiria o sofrimento dos mortos. Nesta passagem, nos confrontamos com as condições vividas dentro destes calabouços.

No capítulo sete, *O livro dos mortos*, discute-se o caso de uma mulher negra brutalmente torturada pelo capitão do navio negreiro da qual ela fora traficada, após recusar-se a deitar com ele. No trecho, expõe a brutalidade pela qual aquela mulher foi espancada até a morte. Deste acontecimento, o capitão foi julgado pelo homicídio. Embora o caso tenha repercutido, Hartman se questiona se a morte da garota mudou algo naquelas relações escravistas.

Em seguida, no oitavo capítulo, *Perder a mãe*, Hartman demonstra, novamente, a sensação que ninguém a deixava de reconhecê-la como uma filha de escravos. Em sua estadia, a autora encontrou pessoas que brincavam sobre ela ter encontrado o caminho de casa ou sobre a busca pelas suas raízes, coisas das quais os habitantes dali estavam acostumados com estadunidenses com problemas de identidade. À medida que viajava pela rota dos escravizados, nos deparamos com os métodos empregados pelos escravocratas que tinham a finalidade de fazê-los esquecerem seus países de origem. Nesta parte, a autora reflete as condições que proporcionaram o esquecimento, ou a necessidade do silenciamento, acerca da escravidão.

Se na era dos tráficores os escravizados eram forçados a *esquecer a mãe*, Hartman afirma que, atualmente, seus descendentes têm sido encorajados a fazer o impossível para reivindicá-la.

Na década de 1990, Gana descobriu que recordar este passado poderia ter um lado positivo, se não houvesse outra razão, pelo menos seria lucrativo. Assim:

na contramão de precedentes legais e proibições tricentenárias, o Estado começou a criar uma memória pública da escravidão. Sob o patrocínio da petrolífera Shell, da Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento e de um consórcio de universidades estadunidenses, o Ministério do Turismo de Gana e o Conselho de Museus e Monumentos produziram uma narrativa para 10 mil turistas negros que visitavam o país a cada ano, sedentos pelo conhecimento de seus ancestrais escravizados. O turismo forneceu uma resposta imediata a partir da fábula de um tráfico atlântico de escravos como uma história afro-americana alternativa, sem qualquer menção à expansão e à crescente gravidade da escravidão africana em resposta à demanda do tráfico no Atlântico ou às comunidades roubadas (HARTMAN, 2021, p. 205).

Recentemente, o Ministério do Turismo lançou proposta que se assemelhava mais a uma tentativa de tornar Gana uma Jerusalém, exigindo que os ganeses retirassem de seu vocabulário a palavra *Obruni* e dessem as boas-vindas aos seus “irmãos” negros dos Estados Unidos. Para Hartman, esse “relembrar a escravidão” tornou-se uma maneira poderosa de silenciar o passado sob o pretexto de preservá-lo, freando discussões em torno da escravidão africana e suas consequências: a exploração de classe, desigualdades de gênero, conflitos regionais e choques étnicos. O objetivo era claro: apagar o passado (pelo menos os aspectos que poderiam desencadear conflitos) e pacificar os herdeiros de escravos. Esse processo era descrito como rememoração, em vez de esquecimento.

*Os tempos difíceis*, capítulo nove, a autora descreve os dias que passou com o racionamento de eletricidade, deixando-a, muitas vezes, no escuro. Esta passagem é breve, trazendo mais suas rememorações quando chegou em Osu, seus contatos e questionamentos.

No décimo capítulo, *A estrada faminta*, Hartman parte para Salaga, região norte de Gana. Nesse percurso, debruça-se sobre o que chama de o coração da escravidão. Salaga era o grande empório do reino de Gonja e a encruzilhada do tráfico de escravos, abrigando o mais importante mercado escravista de Gana desde o início do século XIX até o fim deste comércio.

Em seu penúltimo capítulo, *Búzios de sangue*, entrelaça a importância dos búzios como moeda de troca no oeste da África, e, posteriormente, se espalhando pelas demais regiões africanas com o comércio escravista. Durante a vigência da escravidão, os búzios tiveram importância para os africanos. A autora expõe como os mercadores viam nesse item, sem valor comercial, uma maneira para comprar escravos. Os búzios foram uma ferramenta presente no ciclo do comércio atlântico escravista, que contribuiu para que o lucro e o acúmulo de capital fossem mais vantajados para os europeus, e a devastação dos povos locais. A autora conduz uma relação onde os búzios representaram não só uma “moeda”, mas, sim, todo o sangue derramado dos escravizados.

Enfim, no último capítulo, *Sonhos fugitivos*, encontramos o fim de sua jornada. Nesta passagem, narra a sua segunda viagem ao norte. Saindo de Acra a Kumasi, a sede do Império Ashanti. Os sentimentos de ser apenas uma estrangeira eram frequentemente levantados, principalmente quando expunha para as pessoas do grupo de pesquisa: ela era uma das poucas afro-americanas em meio a professores e pós-graduandos oriundos de Benin, Camarões, Gâmbia, Gana, Quênia, Nigéria, África do Sul e Uganda. Esse sentimento de estranheza despertou a conclusão de que sua presença contaminava a glória da África pré-colonial. Ela era a prole descartável da “família africana”, a lembrança em carne e osso de seus erros trágicos e vergonhosos. Se nos capítulos anteriores Hartman desempenhou uma grande reflexão e uma visita a si, neste último esses traços se acentuam.

As discussões que Saidiya Hartman propõe ultrapassam barreiras, chegando até mesmo ao Brasil, cujo país foi palco do desembarque de navios negreiros. As questões levantadas, apesar de buscar um passado e um resgate à memória dos escravizados, são atuais. As frustrações constantes da autora refletem um fato que já nos incomoda a um tempo: a falta de fontes sobre os escravizados e cativos, prevalecendo a história dos “ganhadores”. No posfácio, Fernanda Sousa argumenta que a principal contribuição de Hartman se dá pelo engajamento com o escravizado em sua experiência de violência, sofrimento, morte, o que fizeram com ele e como isso reflete em seus descendentes e nas desigualdades raciais atuais, compreendendo que o desafio não é apenas escrever sobre, mas encontrar um modo narrativo sem reproduzir, e, em simultâneo, sem ignorar a violência destes arquivos. (p. 350)

Por fim, narrado em primeira pessoa, Hartman busca dialogar diretamente com seu leitor. Embora não fosse seu objetivo inicial escrever o trabalho desta

maneira, expõe particularidades de sua vida pessoal e relatos íntimos sobre sua história familiar. Esta característica não desqualifica seu trabalho, muito menos deixa-o de ser acadêmico, mas permite uma maior proximidade e comunicação com o leitor, proporcionando uma amálgama de um ensaio acadêmico com relato pessoal. Seu trabalho é apoiado em sua experiência e em referências bibliográficas acerca do assunto. Porém, este recurso narrativo nos aproxima mais de sua trajetória de vida, afastando-nos da construção da rota atlântica da escravidão. Se estivermos à procura de um estudo aprofundado acerca deste tema e seus ditames, não encontraremos nesse livro, mas, sim, sua trajetória – pessoal e acadêmica – por este percurso.

## REFERÊNCIAS

SAIDIYA Hartman. MacArthur Foudation. 25 set. 2019. Disponível em: <https://www.macfound.org/fellows/class-of-2019/saidiya-hartman>. Acesso em: 3 fev. 2022.

SOUSA, Fernanda Silva e. Os ancestrais que não podem ser esquecidos. In: HARTMAN, Saidiya. *Perder a mãe: uma trajetória pela rota atlântica da escravidão*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021, p. 341-352.

**Camila Souza Lopes** é Mestranda e Graduada em em História pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), câmpus de Assis, São Paulo. Especialização em andamento em Formação Didático-Pedagógica para Cursos na Modalidade a Distância pela Universidade Virtual de São Paulo (UNIVESP).

### Como citar:

LOPES, Camila Souza. Saidiya Hartman e a busca por suas origens africanas. *Patrimônio e Memória*, Assis, SP, v. 18, n. 1, p. 500-506, jan./jun. 2022. Disponível em: [pem.assis.unesp.br](http://pem.assis.unesp.br). Resenha de: HARTMAN, Saidiya. *Perder a mãe: uma jornada pela rota atlântica da escravidão*. Tradução de José Luiz Pereira da Costa. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.